

Radiologia, em Salvador de 2000, prontamente atendida, rumamos pela BA 001. Primavera iniciava, era a estação doce e amena. As flores a desabrochar, frutos mis pela estrada ansiada, aquela mesma estrada de antes.

Cada lembrança guardada dos recantos que outrora conheceu, fazia questão de parar. De memória privilegiada, que só os gênios possuem, lembrava de detalhes que a nós nos parecia delírios de um senhor da terceira idade – coisa nenhuma – era real mesmo. Ansiava chegar e sentir aquele cheirinho do Bamba Furado, das manhãs ensolaradas, daquele café naquela comprida mesa. Dessa vez aliviado, não mais chás com mastroz com leite ou tapotagem.

Dedicaria mais tempo às suas orquídeas. Em plena forma e vigor físico, ia rever seus amigos pescadores, gente humilde e simples da beira do mar, como gostava de ouvir as histórias daquela gente amiga e deles tornou-se também. A todos apresentava “oi pessoal esse aqui é o meu pai, lembram-se dele?” Todos riam até ele...

Gotas de lágrimas, apenas gotas, talvez gotículas a espalmar pela face, não só dele, como também de Dr. Corona (ao deparar-se com aquela sugestão) eis que põe em sua frente o MURAL SIDNEY-CORONA com dezenas, centenas de fotos. Um grande marco. Outras tantas a serem registradas. Aquele era outro momento mágico da simplicidade que a todos contagiava. E mais fotos.

Dessa vez, contudo, percebemos algo mais no seu semblante, às vezes carregado, outras com ares de preocupação. Ansiedade muita. Sua feição moldava-se às

preocupações. Não podia esconder. A milhares de quilômetros preocupava-se com sua neta querida, levava muitos minutos no celular. Muita ansiedade.

Foram não mais que quatro dias, que juntos ficamos, só nós, sem os adolescentes que ele conquistou de primeira. Despedia-se do Bamba Furado. No retorno, seu silêncio contrastava com a beleza nativa daquela estrada ecológica. Paradas seguidas para o desarranjo intestinal, atribuído às comidas ingeridas – qual nada – seriam os primeiros sinais da doença. A casinha que por último usou, da beira da estrada, está lá até hoje. A senhora que o recebeu e lhe achou tão simples e forte sofreu, como só os velhos sofrem ao tomar conhecimento da morte.

Os cravos a secar na beira da calçada que você e Dona Clarinha adoravam comprar in natura, continuam a mesma coisa, de geração a geração, uns ensinando a outros. Você admirava essa gente simples e as cativava. Não só elas, meu inesquecível amigo, todos ao seu redor. Despertei agora meu saudoso amigo, Dr. Sidney, despertei da realidade da vida, do seu desaparecimento, da sua ausência física, te confesso aqui e agora que chegamos dia 29 de dezembro de 2001 no Bamba Furado, tua imagem não desgrudava da minha cabeça, você

esteve comigo, separei aquelas últimas fotos para o MURAL, e recordei do senhor.

Nesse dia o senhor esteve por lá, me abençoou, senti sua presença muito forte. Nesse seu vôo derradeiro para lugares eternos abençoou o Bamba Furado e a sua Tutaméia. Haveremos de nos encontrar em outro plano, algum dia, pois só os iluminados como o senhor permite que nós, simples mortais, o incorpore e sinta sua presença ao encerrar esse OUTRO LADO.

Obrigado, Dr. Sidney pela aula de vida. Dona Clarinha sua eterna inspiração. Bete muitas saudades. Sidney Júnior nosso apreço.

Salvador, 15 de abril de 2002.

*Paulo, Yasmin, Ana Paula Victor e  
Thiago Balthazar*

